

# INVESTIGAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

## *Investigation Psychopedagogical in the Learning Difficulties in Higher Education*

Rosane de Fátima Ferrari<sup>1</sup>  
Adriana Canci<sup>2</sup>

**RESUMO:** A problemática do in/sucesso acadêmico é o que originou o presente artigo, conjugando os elementos que interferem/favorecem a aprendizagem neste contexto. Objetivando contribuir com o crescimento individual e coletivo dos acadêmicos no que tange à qualidade de sua formação, pesquisando as condições para que se produza a aprendizagem do conteúdo; identificando obstáculos e buscando elementos facilitadores; verificando a necessidade de um apoio psicopedagógico na universidade; visando detectar as dificuldades para minimizar os problemas de aprendizagem no contexto universitário.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicopedagogia, ensino superior, dificuldades de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicopedagogia, Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Campus de Frederico Westphalen, Professora Responsável pelo NEAP – Núcleo de Atendimento Psicopedagógico e pelo Serviço de Atendimento Psicopedagógico a Acadêmicos da URI – Campus de Frederico Westphalen – RS. – [rosane@fw.uri.br](mailto:rosane@fw.uri.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia. Bolsista – [ped07418@al.fw.uri.br](mailto:ped07418@al.fw.uri.br)

**ABSTRACT:** The problematic of academic failure is what has originated the present article, conjugating the elements that may interfere or help the learning in this context. Aiming to contribute with the individual and collective growth of the academics referring to the quality of their formation, searching the conditions that produce the learning of the content; identifying obstacles and searching the facilitating elements for learning; verifying the necessity of a psychopedagogical support in the University.

**WORD-KEY:** Psychopedagogy; higher education, learning difficulties.

## **1 INTRODUÇÃO**

A universidade, nos tempos atuais, se questiona a respeito do ensino e da aprendizagem visando reconhecer os fatores que contribuem e/ou dificultam a efetivação deste processo.

O presente artigo é o resultado parcial da pesquisa bibliográfica do projeto Investigação psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem: delineando o perfil dos acadêmicos da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen.

Para efetivar a presente pesquisa, primeiramente foi situado o ensino superior, com contribuições de Pimenta, Zabalza e Bortolanza, segundo paradigmas atuais. São tratados itens como a formação do conhecimento na universidade, o processo de ensino e aprendizagem, a formação docente, como meios de situar na atualidade o ensino superior no Brasil.

Em seguida, uma breve introdução sobre as dificuldades de aprendizagem no ensino superior, quando se coloca que existem, também, dificuldades de aprendizagem neste nível de ensino.

Logo após está a descrição dos fatores internos e externos mais relevantes encontrados na pesquisa bibliográfica, que interferem de forma positiva e/ou negativa no processo de ensino/aprendizagem no meio universitário.

## 2 O ENSINO SUPERIOR

Pimenta (2002) acredita que “a educação, enquanto reflexo, retrata e reproduz a sociedade; ao mesmo tempo em que projeta a sociedade que se quer” (p.97). O ensino superior não é um ensino descontextualizado, mas vem ao encontro dos anseios da sociedade, buscando responder às questões que mais intrigam, às dúvidas que mais aparecem, às necessidades de trabalho que precisam ser sanadas. E nesse movimento de pergunta/resposta o produto é a projeção para o futuro. Daí a importância e urgência de o ensino superior buscar esta atualização, de olhar em seus alunos futuros profissionais, que logo estarão atuando nesta sociedade.

Pimenta continua afirmando que “... o ensino na universidade, por sua vez, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, ao seu papel na construção da sociedade” (2002, p.164). Para isto algumas palavras-chave contribuem, como pesquisa, autonomia, processo ensinar/aprender, reflexão, investigação, trabalho em equipe, criatividade, avaliação.

Pimenta continua afirmando que

à universidade cabe tratar o conhecimento/ciência, transformando-o em saber escolar, fazendo com que a síntese apresentada nas disciplinas em ação interdisciplinar seja traduzida ao nível de apreensão dos alunos e efetivada em práticas pedagógicas que garantam a aprendizagem. Para isso, impõe-se uma mudança nas formas de organização de seus currículos... (2002, p.225).

Segundo Zabala, a formação da docência universitária precisa deixar de ser baseada no ensino para ser baseada na aprendizagem. O professor universitário precisa ter a dupla competência: competência científica – estar bem fundamentado no domínio de seus saberes e a competência pedagógica – compromisso com formação e aprendizagem dos alunos. Isto é, além da necessidade do conhecimento científico, o professor precisa conhecer como ocorre o processo de aprendizagem

em seus alunos e buscar a formação para que eles também se apropriem desta nova prática.

Conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações, na perspectiva de transformá-las em conhecimento, é primordialmente tarefa das instituições educativas (Pimenta, 2002, p.100).

Pimenta explicita que, em sala de aula, o aprender e o ensinar são ações inseparadas e que os sujeitos envolvidos neste processo complexo são o professor e o aluno mediante o conhecimento. Tanto o professor quanto o aluno universitário precisam ter consciência de que de todo ato de ensinar na sala de aula ocorre o aprender para que tenha valido a pena aquele momento.

Um antigo paradigma na educação era a divisão de funções: o professor ensina e o aluno aprende, não beneficiando nem a um nem a outro. Pois como ao professor cabe a tarefa de ensinar, esta é a sua maior preocupação, obedecer ao currículo, repassar todos os assuntos da sua disciplina. Ao aluno resta aprender, e descobrir por si só, como aprender no meio universitário. Como cada um é responsável pela sua função, o insucesso é culpa de quem não aprende. Logo o aluno universitário encontra-se numa situação muito delicada, se desestimula a aprendizagem quando não consegue alcançar o que lhe é exigido em termos de conhecimento.

Mas o paradigma atual na educação mostra que ambos, aluno e professor, aprendem em contato com o objeto de conhecimento. Não ocorre ensino sem aprendizagem e nem aprendizagem sem ensino. O professor não é mais o detentor máximo do conhecimento. E dessa forma a aprendizagem ocorre, beneficiando a todos os envolvidos.

Para contribuir, Zabala aponta alguns pontos de referência para

a orientação para a aprendizagem, sobre os quais o professor precisa refletir:

- tornar o aprender constante conteúdo e propósito do ensino;
- pensar a sua disciplina tendo em vista o aluno e experiências anteriores;
- aprofundar o conhecimento sobre como ocorre a aprendizagem.

O trabalho do professor é fazer a mediação entre as informações e o que o aluno vai fazer com elas. Conforme Giroud, apud Bortolanza (2002), “a pedagogia diz respeito aos investimentos intelectuais, emocionais e éticos que fazemos como parte da nossa tentativa de negociar, acomodar e transformar o mundo em que vivermos” (p.33).

A universidade precisa modificar o olhar que tem sobre seus acadêmicos, passar de um olhar passivo para um ativo, percebendo e incentivando-os a serem agentes do processo, capazes de agir autonomamente.

Bortolanza é clara ao afirmar que “... o mundo em que vivemos é construído simbolicamente pela mente, através da interação social com os outros e é extremamente dependente do contexto, do costume e da especificidade cultural” (2002, p.37). A universidade precisa deixar de ser continuadora dessas desigualdades, para tornar-se ela mesma crítica e verá os resultados que conseguirá provocar nos seus acadêmicos com a construção e saber de prática transformadora.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros” (Freire apud Bortolanza, 2002, p.39). Ao mesmo tempo em que o educador precisa respeitar a individualidade do aluno, precisa levá-lo a uma transformação. Uma prática docente crítica envolve pesquisa, auto-reflexão, lutas. A transformação não acontece do dia para a noite, e muito menos sem que haja rompimentos, perdas, ganhos, avanços, recuos. O docente deve empenhar-se numa luta árdua para obter êxito, que se verificará plenamente em longo prazo.

O ser humano é um ser incompleto, o que o torna capaz de buscar sempre mais, de na interação social abrir-se ao novo, ao desconhecido, e de se lançar para novas descobertas alcançando a inovação dentro deste processo.

O fato de que a educação não é neutra hoje parece ser fato superado, mas, até todos os envolvidos na educação chegarem a tomar consciência e assumirem uma postura, demora, porque exige mudança interna e externa da pessoa, de pensamento e de atitudes.

É atual e imperativa a necessidade da melhora no ensino. Todos percebem a situação em que se encontra. Como melhorar? O que melhorar? São feitas tentativas visando a superação. Formar o acadêmico para que entre num processo de aprendizagem permanente, através de pesquisas, no âmbito do ensino-aprendizagem o transformará em agente da educação que assumirá novas práticas pedagógicas.

Devido às pressões causadas pelas avaliações externas às quais a universidade é submetida, quando coloca em jogo a qualidade do professor e da universidade, esta se baseia em apresentar conteúdos prescritos que respondam a essas avaliações. “Construir o equilíbrio entre a esfera dos interesses e necessidades individuais e as exigências da coletividade é construir um cidadão para o mundo” (Bortolanza, 2002, p.49).

No ensino superior, segundo Piloni, a visão que o professor tem a respeito do processo de aprendizagem precisa ser revista. O conhecimento trabalhado vai além do conteúdo ministrado em sala. Deve prever e fixar seu objetivo em estabelecer hábitos, estruturas mentais necessárias à apreensão do conhecimento e à vida social do educando. Em se tratando de formação de profissionais e futuros profissionais, a Educação não tem apenas a finalidade de delimitar e um conteúdo aprendido será lembrado meses mais tarde, mas até que ponto aquilo que foi aprendido ajudará o aluno a resolver problemas novos e a enfrentar situações diferentes daquelas encontradas comumente em sala de aula.

“Conscientes, docentes e discentes fazem-se sujeitos da educação. O saber-fazer pedagógico, por sua vez, possibilita ao educando a apreensão e a contextualização do conhecimento científico elaborado” (Pimenta, 2002, p.165-167).

### **3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR**

A questão do insucesso escolar diz respeito a todos os níveis educacionais e não somente às dificuldades de aprendizagem das crianças. As dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos acadêmicos ainda não têm despertado nos professores universitários uma preocupação que os leve a uma reavaliação de seus métodos, práticas, avaliação.

Existe a idéia de que o aluno ingressa na universidade pronto, autônomo, capaz de enfrentar todos os desafios. Mas esta idéia não pode ser a norteadora da visão do professor dentro de uma universidade. Pois os conflitos interiores, as diferentes formações dentro de uma sala de aula, a opção pelo curso, etc..., são situações que precisam ser consideradas na sala de aula universitária. Destacando o que diz Bortolanza (2002): “integrar-se num grupo, assimilar e assumir uma cultura universitária é uma tarefa complicada para os estudantes. Os jovens enfrentam dificuldades em vários níveis sociocognitivos e dilemas interiores, os quais, não raro, os fazem parar de aprender”(p.57).

Discute-se atualmente que a escola precisa formar para a cidadania. Para que essa discussão se concretize, a escola deve ter postura crítica e se definir na sua “intencionalidade política, na conscientização e emancipação de cidadãos, como instrumental para provocar mudanças nas práticas e relações sociais e educativas...” (Bortolanza, 2002, p.30). E a autora continua:

na escola crítica busca-se luz para analisar o objeto de pesquisa, conduzindo a linha de pensamento para a luta construtiva da auto-emancipação e mudança social. Esta teoria fornece direção histórica, cultural, ética, política e pedagógica para o viver e o saber-fazer pedagógico e psicopedagógico na universidade (BORTOLANZA, 2002, p.29).

A universidade é o espaço privilegiado, segundo Bortolanza

(2002), “profundamente político e normativo” (p.30), e não simplesmente para adquirir conhecimento, em busca de um emprego. A formação acadêmica deve buscar ampliar a visão de mundo do aluno, torná-lo capaz de ir além do que já conhece e espera, incitá-lo a desafios cada vez maiores, transpor obstáculos, participação política em sala de aula, expor suas idéias.

Bortolanza diz que “... o processo de educação não pode acontecer separado do processo material da existência” (2002, p.31). A educação, de forma alguma, acontece de maneira libertadora, sem levar em consideração a realidade na qual o aluno/escola está inserido. Pois também o seu trabalho, o que faz para sobreviver, para saldar suas dívidas, a sua cultura, a sua história determinam, em parte, o seu aprendizado.

Uma formação crítica e integral permite e faz com que o aluno participe ativamente das aulas, se questione a respeito de “como o conhecimento é produzido e distribuído” (Bortolanza, 2002, p.31), e se interesse ainda mais se os temas forem significativos. A partir do momento em que o aluno percebe que dentro da sala de aula tem voz e vez, vai tomando consciência de que na sua casa, no seu trabalho, na comunidade em que vive pode ser agente transformador da sua história e capaz de intervir no mundo. Deve-se ter presente o todo, o aluno deve ser visto como ser que pensa, que sente, que existe, tem sonhos, aspirações.

No contexto de sala de aula

... o método de ensino ou o ato de ensinar tem especificidade própria e não comporta modelos preestabelecidos com etapas a serem seguidas. Ademais, por sua complexidade e temporalidade, exige um processo de reflexão sistemática e, portanto, de pesquisa por parte daqueles que pretendem efetivá-lo com competência e seriedade”(PIMENTA, 2002, p.196).

Pimenta (2002) acrescenta que

A profissão de professor exige de seus profissionais alteração, flexibilidade, imprevisibilidade. Não há modelos ou experiências modelares a serem aplicadas.



A experiência acumulada serve apenas de referência, nunca de padrões de ações com segurança de sucesso. Assim, o processo de reflexão, tanto individual como coletivo, é a base para a sistematização de princípios norteadores de possíveis ações, e nunca de modelos (p.199).

Continua a autora destacando que “... rever a própria prática, debruçar-se e refletir sobre ela é necessário a toda profissão” (p.196), principalmente para o professor universitário, de quem na atualidade, os saberes são cada vez mais requeridos. Portanto aperfeiçoar-se, interagir com os acadêmicos, vai auxiliar para a diminuição de muitos problemas, como as dificuldades de aprendizagem, o insucesso escolar.

Fonseca (1995) afirma que “... a aprendizagem constitui uma mudança de comportamento resultante da experiência”(p.127), e que “esquecer é desaprender. Esquecer coisas é provavelmente o resultado de as não ter aprendido, ou de as não ter suficientemente organizado interiormente” (p.133).

A aprendizagem é função do cérebro, o órgão privilegiado da aprendizagem, e está diretamente ligada à memória, segundo Fonseca, devido a que, para cada situação, o cérebro recorre às informações armazenadas e as confronta para tirar uma conclusão. “Cada vez mais a memória tem de ser dinamicamente... colocada em situação, pois parece estar provado que a sua treinabilidade facilita a aprendizagem” (FONSECA, 1995, p.133).

Existem concepções contraditórias referentes à aprendizagem e à avaliação. O desempenho dos alunos comparados com um parâmetro ideal não real, avaliados os resultados. Não se respeitam os interesses e necessidades do aluno. São priorizados aspectos cognitivos como seqüência de operações mentais. Não é respeitado a individualidade do estudante (interesse, ritmo e tempo de aprendizagem) em confronto com as exigências do currículo e programas.

O professor crítico, ao trazer para dentro da sala de aula a realidade da pobreza e da exclusão, traz também a realidade do primeiro mundo. Essas realidades tão distintas umas das outras fazem com que o aluno passe a analisar o contexto social, sua estrutura desigual e comece a

não mais aceitar passivamente estes contrastes. Ele passa a analisar formas de diminuir a exclusão, ao mesmo tempo em que é agente contra a dominação.

“... o conhecimento não é uma mera cópia figurativa do real, é uma elaboração subjetiva que desemboca na aquisição de representações organizadas do real e na formação de instrumentos formais de conhecimento”(Bortolanza, 2002, p.74) e destaca Meirieu, apud Bortolanza, que este “conhecimento está verdadeiramente apropriado, quando se encontra integrado na dinâmica cognitiva do sujeito”(2002, p.84).

“Em termos de educação formal, quase todas as disciplinas escolares exigem que o indivíduo seja dotado de inteligência, ou seja, da capacidade de pensar abstratamente, organizar seu pensamento e tomar decisões adequadas e criativas na resolução de problemas” (BORTOLANZA, 2002, p.86).

### **3.1 Elementos que Interferem positiva e negativamente na Aprendizagem**

No contexto universitário, é sabido que as dificuldades de aprendizagem se revelam de uma forma muito peculiar. Vários fatores, internos e externos, como que se jogam no aluno de forma a determinar suas ações, além de serem seletivos.

As dificuldades com a aprendizagem podem decorrer de diversas causas, e os sintomas que aparecem, quase sempre, estão ligados ao uso do instrumental simbólico, cujo domínio permite ao ser humano aprender todos os conhecimentos do mundo – a linguagem escrita, oral, corporal, cartográfica, matemática, visual, informática etc.

Estas dificuldades, na maioria das vezes, não são dificuldades que se localizam dentro de um sujeito, e sim na relação entre ele e o conhecimento ou entre ele e aqueles que ensinam. Como será visto a seguir de maneira que pode levar a uma maior compreensão de como a aprendizagem acontece e o que a facilita e/ou impede de acontecer plenamente.

Dentre os fatores internos que interferem na aprendizagem, Fernández afirma que o sucesso na aprendizagem está diretamente relacionado ao prazer de aprender, ou seja, a **motivação** que o acadêmico tem para estudar.

Se há, no seu interior, vontade de aprender, esforço pessoal, por mais difíceis e complexos que sejam os conteúdos, ele vai investir tempo e dedicação para compreendê-los. Para isso Fonseca (1995) afirma que “o sucesso implica a superação de um obstáculo. Nele está contida a base da motivação da aprendizagem. As situações fáceis ou difíceis são trampolim para o desinteresse e para a distração”(p.359).

No entanto, se a motivação interior é pequena, todos os conteúdos são muito complexos, impossível de compreensão para o acadêmico que acredita não ser importante a busca da superação.

Outro fator é a **estrutura/personalidade** do acadêmico. O fato de estar na universidade significa que o acadêmico traz consigo uma vasta bagagem de experiências que se refletem na forma de encarar as diversas situações, além de ter formado sua “auto-imagem” que “é produto da história de cada um, ou seja, de todos os momentos da vida, das experiências positivas ou traumáticas...” (BORTOLANZA, 2002, p.102).

Fernández (2001a) diz que “a autoria de pensamento é condição para autonomia da pessoa e, por sua vez, a autonomia favorece a autoria de pensar. À medida que alguém se torna autor, poderá conseguir o mínimo de autonomia”(p.91). O aluno que não tem opinião própria a respeito do cotidiano tende a enfrentar sérias dificuldades na vida acadêmica, uma vez que a autonomia é uma exigência básica e fundamental para a construção do conhecimento.

Sugere Fernández (2001a) que, “para promover espaços tanto nas escolas quanto nas universidades e nas famílias, onde a autoria de pensamento emerge precisamos mudar o antigo paradigma de ensino”(p.92). Essa é uma mudança que se busca efetivar na educação, que encontra a nível teórico e de discussões bastante aceitação, mas, ao se deparar nas práticas pedagógicas, a transformação é lenta e consistente.

A **adaptação à universidade** exige dos acadêmicos, ao nela ingressar, adaptações tanto em nível pessoal, como social e acadêmico a uma nova realidade. A transição do ensino médio para o ensino superior implica, no que tange às tarefas de ordem acadêmica, a adoção de conhecimentos adequados às novas exigências com que os alunos se deparam. A não adaptação pode gerar dificuldades na aprendizagem, resultando em fracasso escolar.

Segundo Bortolanza, o ensino, a aprendizagem e a **avaliação** são interdependentes e estão diretamente ligados ao in\sucesso escolar. A aprendizagem ocorre na individualidade e nas interações. O instrumento usado para avaliar ainda está muito ligado à escola tradicional. “... o que impede ou retarda a aprendizagem do aluno, de reavaliar métodos de estudo, relação entre saber e poder, identidade e projeto pessoal, condições e história de vida, ambiente familiar e profissional, itinerário educacional”(BORTOLANZA, 2002, p.50).

A universidade precisa refletir sobre o processo de avaliação de seus docentes tendo em vista que “o avaliador é partícipe do sucesso ou do fracasso dos alunos, ajustando propostas pedagógicas favorecedoras de aprendizagem, sejam quais forem os ritmos, os interesses e as singularidades de cada aluno e de cada curso” (p.111). Portanto, não só o aluno, não só o professor, não só a estrutura da instituição é responsável pelo sucesso ou fracasso escolar dentro da universidade, mas o contexto. A avaliação deve ser compreendida de forma multifacetada, em que aluno e professor são avaliados, tendo como pressuposto o processo de ensino e aprendizagem. Scoz acrescenta que o aspecto relevante para o professor avaliar o aluno não é o resultado final, mas sim o processo mental percorrido pelo aluno para chegar ao resultado.

A avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, proporcionando ao avaliando a oportunidade de se rever, reestruturar, ressignificar, ou seja, construir e reconstruir o seu conhecimento.

Zabalza diz que quando a Universidade tem como intenção de ação **relacionar teoria e prática**, este fato vem para auxiliar e determinar o sucesso escolar, uma vez que, quando esta relação existe e está explícita no dia-a-dia da sala de aula, a aprendizagem se torna significativa.

“Ao professor não cabe unicamente a função de aplicar métodos pedagógicos. Ele deve saber como e quando o método deve ser aplicado...” (FONSECA, 1995, p.222).

Bortolanza (2002) diz muito claramente, ao abordar a relação teoria e prática no ensino superior, que

Atenção e respeito pela diversidade facilitam a reconstrução dos conhecimentos, das experiências e das pautas de conduta, preparando o aluno para pensar criticamente e agir com democracia e solidariedade, apesar de viver em sociedade autoritária e seletiva. Construir o equilíbrio entre a esfera dos interesses e necessidades individuais e as exigências da coletividade é construir um cidadão do mundo (p.49).

Os docentes precisam considerar, além dos procedimentos didático-metodológicos, a relevância, tantas vezes definidora da **relação professor-aluno** para o sucesso da empreitada educativa. Na dinâmica da sala de aula há um senso de que cabe ao professor ensinar a pensar, a ter autonomia. Esse mecanismo, não há com negar, gera efervescência. Quando imperam os mecanismos disciplinares que impõem a homogeneização e a submissão, a reação tende a explodir.

O aprender é consequência das relações estabelecidas pelo sujeito com o meio, inclusive com o professor.

Destaca-se que as **condições socioeconômicas** do acadêmico são um fator que interfere demais, devido à necessidade de se ter atividades profissionais nem sempre suficientemente remuneradas para investir no ensino superior, o que o obriga a frequentar um curso de menor custo, em horário noturno. Assim acontece incompatibilidade de tempo para o estudo e trabalho.

A **opção pelo curso** é fator que interfere na aprendizagem do acadêmico de forma que, se for feita a opção pela vocação profissional, o interesse é maior; caso contrário, o processo de aprendizagem pode ficar comprometido. O ideal, da parte dos alunos, é que primeiro frequentassem o curso que gostariam, não o que é mais barato e noturno. O tempo para estudo e pesquisa deveria ser proporcionado para todos,

tanto para aqueles que residem na cidade da sede da universidade quanto para os que precisam viajar muitos quilômetros para chegar à aula.

Como se pode perceber, os fatores acima elencados não acontecem de forma isolada ou estanque, mas como Scoz coloca

...os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem às análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais (1994, p.22).

#### **4 CONCLUSÕES PRELIMINARES**

Para aumentar o sucesso e, conseqüentemente, diminuir o insucesso acadêmico, a união de interesses para resolver as questões práticas que surgem no dia-a-dia escolar é imprescindível. Contribui para isso o professor conhecer como se processa a aprendizagem no aluno, que fatores são determinantes, o que influencia, conhecer pelo menos um pouco da história e situação pessoal de cada aluno; rever a concepção teórica que embasa a sua prática, bem como os instrumentos usados na avaliação. É uma tarefa que demanda tempo e querer, mas que reflete positivamente nos resultados.

O acadêmico deve ser visto como alguém que traz consigo uma bagagem de experiências que não devem ser ignoradas em uma sala de aula do ensino superior, e, junto com ele, aspirações, desejos, sonhos que podem se tornar realidade ou escaparem de suas mãos se não conseguir se adaptar ou criar formas de superar os obstáculos,

Segundo Fernández, normalmente a busca pelo saber e conhecer não acaba no sujeito, mesmo que este passe por “carências nas condições econômicas, orgânicas, educativas, apesar das injustiças, dos déficits ou das lesões biológicas” (2001b, p.26).

Tendo tudo isso em mente, acreditar que, mesmo passando por dificuldades, o sonho de participar de uma universidade – com sucesso –

não pode ser apagado dos jovens e muito menos ser negado àqueles que enfrentam contrariedades.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORTOLANZA, M. L. **Insucesso acadêmico na Universidade abordagens psicopedagógicas**. Erechim/RS, Edifapes, 2002.

FERNÁNDEZ, A. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001a

\_\_\_\_\_. Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com família, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre, Artmed, 2001b.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto alegre, Artes Médicas, 1995.

PIMENTA, S. G. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo, Cortez, 2002.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

ZABALZA, M. **O ensino universitário**; seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.

**Recebido em junho de 2005**  
**Aprovado em setembro de 2005**